



## UMA CONVERSA COM RAIMUNDO FARIAS BRITO

### A CONVERSATION WITH RAIMUNDO FARIAS BRITO

Oswaldo Marques

*“Há pois a luz, há a natureza e há a consciência. A natureza é Deus representado, a luz é Deus em sua essência e a consciência é Deus percebido”.*

*Farias Brito*

**RESUMO:** Neste artigo pretendemos estabelecer um diálogo virtual com Farias Brito, propiciando espaço para que o próprio filósofo se manifeste, contando fatos relevantes de sua vida pessoal, profissional e acadêmica que poderão nos ajudar a compreender seu pensamento filosófico, construído a partir da segunda metade do século XIX.

Como mediador deste colóquio, para as falas do autor, selecionamos as passagens da obra de Laerte Ramos de Carvalho, *A Formação Filosófica de Farias Brito* e também citações da obra do próprio Farias Brito, *Finalidade do Mundo*, publicada pelo Instituto Nacional do Livro em 1957.

Utilizaremos a técnica da entrevista com o intuito de recriar as idéias significativas e inspiradoras do pensamento de Farias Brito, procurando elucidar aspectos polêmicos da sua vida e obra.

Neste artigo estabelecemos um diálogo virtual com o Farias Brito, com o intuito de resgatar algumas passagens da vida e da obra deste filósofo brasileiro.

**ABSTRACT:** *In this article we intended to establish a virtual dialogue with Farias Brito so that this philosopher can tell us relevant facts about his personal, professional and academic life, in order to help us understand his philosophical thoughts, during the beginning of the second half of the 19th century.*

*As a mediator of this colloquial exchange, we selected for the author's speech passages of Laerte Ramos de Carvalho's work entitled The philosophical Formation of Farias Brito as well as Farias Brito's own citations from the book purpose of the World., published by the interview technique with the intention of recreating the significant and inspiring ideas of Farias Brito's thought at the same time we elucidates some polemical aspects of his life and work.*

**Palavras-chave:** Farias Brito; Vida; Obra; pensamento filosófico

**Keywords:** *Farias Brito; life, work; philosophical Thought*

É como imensa responsabilidade e honra que assumimos a tarefa de estabelecer um diálogo com o pensador, advogado, promotor e professor Dr. Raimundo Farias Brito, colega de Clóvis Bevilacqua e Rodolfo Teófilo, alunos do mestre Tobias Barreto.

Farias Brito, ilustre personagem da nossa história, esteve vinculado à Escola do Recife e com as vicissitudes político-sociais da sua época. Nasceu aos 24 de julho de 1862 em São Benedito, na Serra do Ibiapaba, no Ceará, filho de Marcolino José de Brito e Eugênia Alves Ferreira. Viveu num complexo cenário, representado pelo momento crítico da história do Império: fim da Guerra do Paraguai, cisão do partido liberal e fundação do partido republicano, questão religiosa, organização e intensificação do programa abolicionista, questão militar, recrudescimento dos problemas e debates sobre o casamento civil, etc.

Para início de conversa, deixamos que o próprio Farias Brito tecesse as considerações iniciais sobre sua vida.

FB: Devo observar... que minha vida é extremamente simples. Nada tenho de notável. Sou verdadeiramente um homem sem história, porque nunca se passaram comigo coisas extraordinárias (Carvalho, 1977:1).

OM: *Pelo que o senhor nos conta, sua vida foi a de um homem comum, com poucos amigos e muitas leituras. Gostaríamos de saber mais sobre sua trajetória acadêmica, sobre seus estudos...*

FB: Com oito anos de idade freqüentei o curso de primeiras letras de Laureana Bravo; foram meus professores Francisco Sampaio e Emiliano Frederico de Andrade Pessoa. Em 1874 ingressei no Ginásio Sobralense, mas dois anos depois meus estudos foram interrompidos por motivos financeiros. Sobreveio, no ano seguinte, a grande seca... com a seca, tudo se desfez; a força econômica da província [do Ceará] em pouco tempo se extenua. Cresce assustadoramente o índice de mortalidade. Repetem-se, então, as tristes cenas do êxodo dos retirantes que lá se vão em bandos, [como diz Euclides da Cunha] “debruando de ossadas as veredas”, à procura de um rincão propício. E como um flagelado, “vestindo pobres roupas de algodão, calçando alpercatas de couro e puxando um burrico carregado de rotas malas” e com a famí-

lia, cheguei a Fortaleza. Em 1879 freqüentei o Liceu Cearense, onde tirei seis preparatórios e com a ajuda dos pais e com a remuneração obtida no ensino de matemática, completei o curso secundário em 1880. No ano seguinte, minha família mudou para o Recife e papai empregou-se como porteiro do Ginásio Pernambucano e mamãe fornecia pensões e ocupava-se do engomado de alguns estudantes de Sobral; meu irmão começou a trabalhar numa charutaria. Com a ajuda da família, comecei a estudar na Faculdade de Direito e, utilizando da facilidade concedida pela legislação, conclui o curso rapidamente; em 05 de novembro de 1881 fui aprovado e em novembro de 1882 passei do segundo para o terceiro ano; em 1884 prestei os exames exigidos, ganhando um ano de estudos. Em 19 de novembro de 1884 foi a colação de grau. Depois de formado, ingressei na promotoria pública e lecionei gratuitamente em Viçosa, depois em Aquiraz, ao mesmo tempo em que escrevia versos, inspirados pelo ideal republicano. Em 1886 comecei a enviar uma série de artigos sob o título geral de Estudos de Filosofia, para o jornal o Libertador, editado em Fortaleza. Em 1887, passei a colaborar na revista do Club Literário, chamada de “A quinzena”, onde figuravam abolicionistas, republicanos e representantes do “livre pensamento” (Carvalho, 1977:3-6).

OM: *Que vida Severina é esta! Mas, a determinação do homem é mais forte do que tudo. E o senhor teve alguma participação na vida política da região?*

FB: Foi em 1888, quando o Presidente da Província do Ceará, o paulista Antonio Caio da Silva Prado, que procurava realizar uma política esclarecida, obteve um contrato com o governo imperial para a abertura de poços artesianos. Numa visita que fez à Aquiraz, fiz o discurso de saudação, o que me valeu o convite para secretário da presidência. Mas, durou pouco, por causa da morte do Caio Prado em maio de 1889. Nesse mesmo ano, segui para o Rio de Janeiro, onde pretendia fixar residência. Contudo, proclamada a República e tomado pelo entusiasmo pela nova ordem política, resolvi regressar para Fortaleza, disposto a militar nas atividades partidárias, sendo lançado como candidato a deputado federal na chapa organizada pelo Conselheiro Rodrigues Júnior (Carvalho, 1977:6).

OM: *E conseguiu ser eleito?*

FB: O pleito eleitoral não se realizou. A oposição foi perseguida. Tive de ficar foragido por alguns dias com a residência vigiada. Isso foi em agosto de 1890 (Carvalho, 1977:6).

OM: *Então sua experiência política parou por aí?*

FB: No ano seguinte, em 1891, o governo do Ceará passou às mãos do General José Clarindo de Queiroz, que me escolheu como seu secretário. Foi um governo de curta duração; em novembro houve a deposição do General Clarindo de forma sangrenta, em razão do fim do governo de Deodoro que teve que passar o poder para o Marechal Floriano (Carvalho, 1977:7).

OM: *A desilusão política foi grande! E a atividade literária e filosófica, como ficou?*

FB: Foi decepcionante. Mas minha atividade literária continuou. Publiquei na *Revista Moderna* um extenso estudo sobre *O Método Associacionista* no qual analisei o pensamento de Alexander Bain, Stuart Mill e Herbert Spencer. Redigi a tese do concurso para preenchimento da cadeira de História Geral do Liceu do Ceará: *Pequena História. Ligeiro apanhado sobre os Fenícios e Hebreus*. Depois da deposição sangrenta do General Clarindo, concebi o plano da obra *Finalidade do Mundo* (Carvalho, 1977:7).

OM: *Com a desilusão política, restou o caminho da pesquisa e do estudo, não é verdade?*

FB: É verdade. Planejei uma longa investigação com o objetivo de restaurar a metafísica e de tentar a justaposição de uma religião naturalista. Cuidei, nos anos posteriores, de reelaborar os artigos publicados e de redigir os capítulos que, em *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano*, versavam sobre o problema religioso e cujas raízes históricas eram a questão religiosa da década de 70 e os ensaios sobre o problema religioso realizados, entre outros, por Tobias Barreto. Em 1895, publiquei o livro *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano* e escrevi para a *Revista da Academia Cearense* duas biografias, uma sobre Tomás Pompeu e outra sobre Guilherme Stuart, que apareceram em 1896 e 1897. No ano seguinte publiquei um ensaio analítico da filo-

sófia de Malebranche. Em 1899 foi impressa *A filosofia Moderna*, o segundo volume da série *Finalidade do Mundo* (Carvalho, 1977:8).

OM: *E sua vida familiar, gostaria de falar sobre ela?*

FB: Em dezembro de 1893 contrai matrimônio com Ana Augusta Bastos, na Igreja do Coração de Jesus, em Fortaleza; esta união foi breve, durou até 1897, com o falecimento de Ana, mas como fruto este casamento deixou-me uma menina com alguns meses apenas. Em 1901, já em Recife, abandonei o projeto de viagem à Europa; seguir para o Rio de Janeiro, e, movido por um estranho pressentimento, retornamos à Fortaleza, chegando a tempo de assistir a morte de papai e de pedir-lhe o consentimento para a realização de minhas segundas núpcias. Depois de casarme, a 29 de setembro de 1901, com Ananélia Alves, seguimos para Belém, em 1902, onde permanecemos até 1909. (Carvalho, 1977:9).

OM: *O senhor viveu um bom tempo em Belém. O que aconteceu por lá?*

FB: Foi um período muito produtivo: nasceram três filhos. Foi um período de intensa produção intelectual. Exerci, por um certo tempo, o cargo de terceiro promotor e dediquei-me à advocacia. Fui admitido como professor na Faculdade de Direito do Pará, desenvolvi um programa no curso de Filosofia do Direito. Publiquei *A Verdade como Regra das Ações* e o terceiro volume da *Finalidade do Mundo, Evolução e Relatividade* (Carvalho, 1977:9).

OM: *Em 1908, com a vacância da cadeira de Lógica do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, o senhor inscreveu-se no concurso para ocupá-la. Como foi isso?*

FB: Foi um sucesso cruel, uma experiência desesperada, angustiada e terrível. Participei do concurso, ficando em primeiro lugar; no entanto, fui preterido na escolha do governo, que optou pelo segundo colocado, Euclides da Cunha, que, em agosto de 1909, faleceu tragicamente. Entrei com uma petição disposto a participar de novo concurso, no entanto a Congregação, através do parecer de Sílvio Romero, indicou-me para ocupar o cargo vago interinamente

até dezembro, quando fui efetivado no cargo (Carvalho, 1977:9-10).

*OM: Notamos que o senhor foi uma personalidade móvel e inquieta. Sofreu constantes malogros nas suas ambições políticas e profissionais. Mas, gostaríamos que o senhor falasse sobre as suas reflexões filosóficas que nos parecem ter absorvido seu pensamento de maneira sistemática.*

FB: Minha preocupação central na investigação filosófica foi o problema da *Finalidade do Mundo*. Os livros projetados com o título *Finalidade do Mundo* deveriam conter a solução do problema em uma análise que se desenvolveria em três partes sucessivas. A primeira trataria da Filosofia “como atividade permanente do espírito humano”; a segunda cuidaria dos “dois grandes métodos da Filosofia Moderna”; a terceira, finalmente, constituir-se-ia de uma análise da “teoria da finalidade.” Na exposição que faço, muitas são as doutrinas que preciso resumir e analisar, algumas das quais contrárias aos princípios que defendo; mas sempre que me refiro a teorias alheias, reporto-me quanto possível aos próprios termos do autor, de modo que não possa haver dúvida quanto à fidelidade da exposição (Carvalho, 1977:10-11).

*OM: Agora, podemos falar um pouco sobre Filosofia?*

FB: A Filosofia é um trabalho perene que o espírito assume no sentido de ver, com progressiva clareza, o mundo com totalidade e dentro da qual a consciência desenvolve sua atividade. Consciência e espírito se identificam. Trazer à luz aquilo que está encoberto e se apresenta ao homem como enigma é a missão essencial da Filosofia. Por isso mesmo, trata-se de uma atividade permanente e aberta ao infinito. Jamais esclareceremos toda a realidade, mas é nosso dever buscar essa clareza. O direcionamento principal que damos aos estudos é no campo da consciência; que consiste em se entender, através do método de introspecção, o composto humano e o seu lugar no conjunto da natureza e da existência cósmica (Brito, 1957).

*OM: O senhor poderia sintetizar suas idéias sobre o tema “O homem e o mundo”?*

FB: Colocado no mundo, sem saber de onde vem, nem para onde vai, o homem conhece o peso da existência principalmente por essas duas necessidades em torno das quais se reúnem todas as outras: a necessidade de alimentar-se que se faz sentir por intermédio da fome, e a necessidade de aprender, menos ativa, porém mais elevada, resultante das funções intelectuais. Assim, podem-se admitir duas vidas distintas na existência humana: a vida do corpo, que é sua face externa, e a vida do espírito, que é sua face interna subjetiva. A reconstrução do corpo se opera por meio da nutrição; a do espírito, por meio do conhecimento, de modo que o trabalho, que garante o desenvolvimento material, e o estudo, que garante o desenvolvimento da vida do espírito, são as condições de todo o progresso. Ora, o conhecimento adquire-se mediante esforços contínuos. A humanidade encontra dificuldades enormes em sua marcha ascendente e é só depois de mil tentativas inúteis e, não rara vez, com grandes sacrifícios que vai conseguindo aumentar o tesouro de seus conhecimentos; e ainda assim a verdade que lhe serve de guia se acha ordinariamente cercada de uma infinidade de erros. Daí lutas contínuas, por tal modo que a história, pelo menos no que tem relação com o movimento intelectual, não é mais que a história dos embates constantes da verdade contra a superstição e o erro. Resulta disso, portanto, o visível mal-estar geral refletido no estado de perturbação e ansiedade a que se acham presentemente reduzidos todos os povos. Mas, todavia, não pode o homem, em virtude desse fato, esmorecer e julgar que para si mesmo e o mundo não há salvação e que a humanidade caminha em direção a um fim caótico e sem volta; mas, ao contrário, o homem tem o direito e o dever de buscar uma solução para os embates da vida, percebendo que, se veio ao mundo desconhecido de si, é causa disso o estado de ignorância em que se encontra (Brito, 1957).

*OM: Em A Finalidade do Mundo (1977:28), o senhor escreve: “... e justifica-se o pensamento profundo de Tobias Barreto, quando disse ao expirar: ‘Tudo tem sua a lógica, até mesmo a morte’. E é então que os destinos da humanidade se identificam com os destinos da natureza, e o homem, de verme da terra, transforma-se em mecanismo intelectual refletindo a imagem do mundo”. Qual o intuito deste livro?*





FB: O homem com todas as suas dúvidas e sofrimentos, a sociedade com todas as suas aspirações e trabalhos, os governos em luta contra as revoluções, as religiões em luta contra a anarquia, nada tem segurança, nada tem estabilidade; e a vida da humanidade em geral pode ser reduzida a esta única fórmula: a incerteza e fragilidade. Entretanto, considerando as coisas por outra face, tudo é ao mesmo tempo vaidade, ilusão, orgulho. Pois bem: considerando a dolorosa contingência a que estão sujeitas todas as nossas condições existenciais, quanto há de ilusório em todas as nossas aspirações, a quanta desgraça estamos sujeitos todos nós que vivemos, condenados irremediavelmente à morte; considerando o nada de todas as grandezas humanas, quero indagar da significação real Dessa natureza imensa que nos cerca, quero indagar que relação tem a minha existência com a existência universal, quero, numa palavra, interrogar os segredos da consciência de modo a explicar a cada um a necessidade em que está de compreender o papel que representa ao mundo. Pois bem: eu quero saber se do que passa e se aniquila, alguma coisa fica em virtude da qual se possa ter amor ao que já não existe ou deixará de existir; se do que passa e se aniquila alguma coisa fica que não há de passar, nem aniquilar-se... quero, em uma palavra, mostrar para todos que antes de tudo e acima de tudo existe a lei moral, e que é somente para quem se põe fora Dessa mesma lei que a vida termina (Brito, 1957:28-29).

*OM: Seria esse o maior enigma da natureza?*

FB: A natureza tem o seu maior enigma no próprio homem, pois para o homem ela existe, como também é voltada para ele a sua própria finalidade; finalidade esta, que deve ser encontrada na indagação do significado real da imensidão que o cerca, como também, na interrogação dos segredos da consciência, de maneira que possa o homem compreender a parte que está representando no mundo. Pelo aspecto físico ou materialista, entendemos o mundo como ele nos representa fisicamente, o que compreende sua natureza externa, palpável, em cuja face abriga a humanidade e onde esta realiza sua luta pela sobrevivência. Já pelo aspecto subjetivo, que é o aspecto fundamental a ser estudado, compreende-se basicamente na função de trazer à luz da consciência, a finalidade

mesma do mundo e da função ao qual o homem está predestinado a cumprir (Brito, 1957:34).

*OM: E qual o destino do homem?*

FB: Entendi, pois, que o destino do homem, como o destino do espírito em geral, é aperfeiçoar-se, e dar maior extensão possível às suas energias, e alcançar em todas as manifestações de sua atividade, o mais alto grau de desenvolvimento; numa palavra é dominar; mas é preciso distinguir duas espécies de domínio: o domínio do homem sobre a natureza e o domínio do homem sobre si mesmo. O primeiro alcança-se pelas ciências da matéria, o segundo, pela ciência do espírito. Logo, podemos seguramente conceber, à luz da razão, que a finalidade primordial do homem no mundo é conhecer, e que, por conseguinte, a *Finalidade do Mundo* que o abriga é existir para o conhecimento (Brito, 1957:34-35)

*OM: Em a Finalidade do Mundo o senhor afirma que a moral é o fim da Filosofia; afirma, igualmente, que o direito é fim da política (1957:43). Seria esta a finalidade prática da Filosofia, assim como da política? O que o senhor tem para nos dizer sobre esse assunto?*

FB: A função da Filosofia é dupla: teoricamente, criar a ciência; praticamente, criar a moral. Defendo a idéia de que a moral é o fim da Filosofia. Essa idéia não é nova. Sócrates fazia da Filosofia um sistema da moral. Foram seus discípulos que ampliaram os horizontes da filosofia, estendendo-a a todos os ramos do conhecimento, elevaram-na à altura de uma concepção geral do Universo; mas em resultado deram mais vigor e mais força à moral socrática (Brito, 1957:43).

*OM: Esse assunto nos interessa particularmente e considero que não somente Sócrates, Platão e Aristóteles pensaram desse modo. Todos os sistemas filosóficos procuram estabelecer sobre bases sólidas os princípios da moral. Estou certo nisso?*

FB: Você fez uma observação pertinente, que me faz pensar no ceticismo, que faz da moral sua preocupação constante. Epicuro e Zenão, dois grandes vultos da filosofia independente, na frase de Lefèvre, foram também moralistas. A moral do materialismo é a moral da atividade; a moral do estoicismo é a moral da coragem, da firmeza e do esforço do homem sobre si



mesmo. Enfim, a Filosofia é, pois, para todos os pensadores uma concepção do Universo; mas cada um deduz dessa concepção do Universo a norma de sua conduta, conforme o seu modo de compreender a significação da natureza. De qualquer modo, porém, seja qual for a escola filosófica que adotemos, o que não se poderá contestar é que todas as concepções do Universo, do passado, como da época contemporânea, materialista ou estoíca, dualista ou monista, todas elas se propõem a um mesmo fim – a Moral. E é preciso observar que a razão disso está no objeto mesmo de que a Filosofia se ocupa, porque a Filosofia tem por objetivo o conhecimento do universo, o estudo da natureza e é somente na compreensão da verdadeira significação do universo, na concepção do fim a que se encaminha a natureza em sua evolução indefinida, que se poderá encontrar o segredo dos destinos humanos (Brito, 1957:45).

OM: O senhor escreveu em seu livro *Finalidade do Mundo* que “o homem está intimamente ligado ao universo e não pode ser separado dele” (Brito, 1957:47). Esta não seria uma visão evolucionista, científica, para não dizer materialista do homem? Onde, então, a moral seria colocada como fim da Filosofia?

FB: Conheceu-se que [o homem] é uma simples particular da natureza e que, como ela, está sujeito a leis imutáveis e eternas, encontrando-se a explicação de sua existência no seio do mundo zoológico, o qual por sua vez tem seu fundamento nas evoluções e nas complicações infinitas do movimento cósmico. É, pois, somente na Filosofia, nas altas questões que envolvem a totalidade das coisas, e sobretudo em face da majestade da natureza, que poderemos estudar os mistérios da organização humana, elevando-nos à compreensão de nosso destino moral (Brito, 1957:47).

OM: Ao estudar sua obra, notamos que o plano não foi seguido à risca. Parece que o senhor mudou o projeto original da obra. Essa mudança nos transpareceu uma certa incoerência entre as suas primeiras e suas últimas cogitações, demonstrando ser frágil a unidade de seu pensamento, o que suscita inúmeras interpretações. Gostaríamos que elucidasse as supostas contradições presentes em suas obras.

FB: Em 1892, após o malogro das ambições po-

líticas, elaboramos o plano e uma extensa investigação filosófica sobre o tema da *Finalidade do Mundo*. Os livros projetados com o título de *Finalidade do Mundo* deveriam conter a solução do problema teleológico em uma análise que se desenvolveria em três partes sucessivas. Como já lhe disse, a primeira parte trataria da filosofia “como atividade permanente do espírito humano”; a segunda cuidaria dos “dois grandes métodos da filosofia moderna”; a terceira, finalmente, constituir-se-ia de uma análise da “teoria da finalidade.” Esse plano não foi executado inteiramente. A primeira parte, com o subtítulo “estudos de filosofia e teleologia naturalista”, apareceu em 1895, acompanhada de uma longa introdução. O livro seguinte, *Filosofia Moderna*, não obedeceu às linhas gerais do plano inicial. Realmente, esse livro, de acordo com o primeiro projeto, deveria tratar dos dois métodos da filosofia moderna: o associacionismo e o criticismo. No primeiro volume de *Finalidade do Mundo*, o associacionismo e o criticismo são caracterizados como “as grandes correntes do pensamento, as duas grandes formas da metafísica moderna”; essas duas escolas “não são propriamente duas concepções, dois sistemas filosóficos, porém, dois processos lógicos, dois métodos a que estão subordinados todas as concepções e todos os sistemas.” Concretizando esse projeto, a filosofia da associação foi analisada nos três capítulos do Livro II de *A Filosofia Moderna*. O exame do criticismo, entretanto, por ter tomado proporções muito vastas, ficou reservado para um outro volume. No seu lugar, porém, apareceu extenso estudo sobre a filosofia dogmática. Essa alteração do plano se justifica pelo fato de que, “antes de estudar Kant e para que com verdadeira consciência se possa ajuizar sua obra, é mister que se estude a filosofia anterior de que a dele próprio nasceu” (Brito apud Carvalho, 1977:11). É assim que, para estudar o criticismo, primeiramente se faz necessário estudar o dogmatismo. O estudo do criticismo foi colocado no terceiro volume da *Finalidade do Mundo*, ao lado de uma análise crítica do evolucionismo, do monismo e do positivismo, que aí se apresentam como formas modernas do materialismo e do ceticismo. Assim, esclareci que ainda não termina com este volume a obra cuja publicação teve início em 1895, sob o título geral de *Finalidade do Mundo* por ter tomado proporções maiores do que eu, de começo, imaginava esta terceira



parte que fui obrigado a dividir em dois livros dos quais só o primeiro foi dado à publicidade. A verdade é que me esforcei no sentido de uma contínua renovação das bases doutrinárias de nosso sistema de idéias... O estudo do criticismo foi colocado no terceiro volume da *Finalidade do Mundo* ao lado de uma análise crítica do evolucionismo, do monismo e do positivismo, que aí se apresentam como formas modernas do materialismo e do ceticismo. Publiquei em 1912 o livro *A Base Física do Espírito* e, em 1914, o livro *O Mundo Inteiro* (Carvalho, 1977:11-12).

OM: Para encerrar, o que o senhor tem a nos dizer sobre seu sentimento em razão do malogro de sua candidatura à Academia Brasileira de Letras?

FB: Escrevi no *Panfleto em 1916*: “Eu sou um indivíduo que encerra muitos homens dentro de si mesmo: alguns extremamente brandos, condescendentes e humanos, sempre tímidos, desconfiados de si próprios, e duvidosos do próprio valor. Outros violentos, apaixonados, quase agressivos; outros inclinados à solidão, um tanto idealista, sonhadores e poetas; outros sombrios, tempestuosos, sempre prontos para a luta e para a revolução; outros, curiosos da verdade, sempre dispostos a investigar o desconhecido, sempre prontos para os combates do pensamento, metafísico e um tanto visionários; uns, vendo tudo luminoso e risonho, resplandecente de luz e refletindo o amor e a bondade; outros, tudo vendo obscuro, carregado e cheio de maldade e de ódio: quase todos tristes,

amargurados mesmo, sem confiança nos homens, sem fé na justiça; todos selvagens, no fundo, sujeitos a todos os erros e a todas as fraquezas e vis contingências Dessa tão penosa e amarga, quão trabalhosa e atormentada natureza humana. É como um exército de sombras que se agitam no fundo do meu ser, todas descontentes, todas incertas do seu destino” (Carvalho, 1977:3).

OM: Agradecemos a gentileza do entrevistado. Dessacamos que para a compreensão de um filósofo é imprescindível o estudo de seus projetos existenciais e de suas perplexidades originárias. É o que acontece ao se pretender compreender Farias Brito, que se revela como um pensador em perene reformulação de problemas, sem uma linha de continuidade íntima essencial, o que explica a interferência modificadora de sucessivas influências externas. Nas palavras do jurista Miguel Reale, se, efetivamente, não há um sistema na obra de Farias Brito, mas “vários sistemas que se justapõem e se organizam”, resta ver se a sua Filosofia não se reduz apenas ao “depoimento de uma alma inquieta que procura nos livros, inutilmente, o sentido de sua própria existência.”

Farias Brito, sem dúvida, é um personagem da história brasileira que buscou incansavelmente aperfeiçoar seu pensamento e contribuir com seu desenvolvimento intelectual para a evolução das idéias no Brasil.

### Referências Bibliográficas

- 1 - CARVALHO, Laerte Ramos de Carvalho. A formação filosófica de Farias Brito. São Paulo: Saraiva/Edusp, 1977.
- 2 - BRITO, Raimundo Farias. *Finalidade do Mundo*, estudos de filosofia e teleologia naturalista. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1957, v. 1.